

Cultura escrita e Memória: apontamentos sobre o manuscrito que inventaria o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula

BRUNA FRIO COSTA¹; CARLA RODRIGUES GASTAUD²;

¹Universidade Federal de Pelotas – bruna.frio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de um documento. Não de qualquer documento, mas sim de um livro manuscrito, pertencente a Ricardo Rojas, que inventaria o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula e que foi guardado durante mais de 20 anos. O principal objetivo do trabalho é descobrir, o que motiva a “sobrevivência” deste livro e o que ele nos apresenta, para além de um inventário do Quadro Antigo.

De acordo com Chartier (2007) muitos são os suportes nos quais a memória dos homens e do tempo poderia ser inscrita: pedra, madeira, tecido, pergaminho e papel. Seja em uma biblioteca, em um livro, ou até mesmo, em objetos mais simples, a missão da escrita é conjurar contra a fatalidade da perda. Porém, não é uma tarefa fácil, afinal, vive-se em um mundo onde as escritas podem ser apagadas, manuscritos, perdidos e livros estão ameaçados de destruição.

A cultura escrita caracteriza um modo de organização social cuja base é a escrita (BRITO, 2005, p. 15) e “vai desde o livro ou o jornal impresso até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo” (CHARTIER, 2001, p. 84).

Ao escrever sobre este livro, atribui-se importância à preservação de documentos banais, de acordo com Mignot e Cunha (2006). Desta forma, dotam-se de outros significados os papéis escritos. Portanto, ao utilizar o livro como fonte para esta pesquisa, dá-se valor às escritas ordinárias – ou seja, de pessoas comuns - contribuindo para que a noção de documento histórico seja ampliada e, assim, permitindo que este tipo de escrita seja salvaguardado e conservado.

Salienta Castro Gomes:

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. Seu valor, como documento histórico, é identificado justamente nessas características. Escrita de si é uma forma de produção de memória que merece ser guardada e lembrada (2004, p. 11).

Portanto, “ao iluminar estes papéis ordinários pode-se pensar na importância de uma “memória de papel” para o reconhecimento de diferentes práticas, costumes, rituais, ações e sociabilidades” (MIGNOT & CUNHA, 2006, p. 42).

2. METODOLOGIA

Duas metodologias foram adotadas para que o objetivo principal deste trabalho seja alcançado: pesquisa documental e história oral.

Pesquisa documental, pois, o estudo se baseia em “documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor” (MOREIRA, 2005, p. 66). Estes documentos, que podem ser institucionais conservados em arquivos, institucionais de uso restrito, pessoais como cartas ou e-mails, fotografias, vídeos e gravações, leis, projetos, regulamentos, registros de cartório, catálogos, listas, convites, peças de comunicação ou instrumentos de comunicação institucionais, são considerados cientificamente autênticos. Documentos que “muitas vezes são destruídos por se desconhecer a importância que têm para o estudo de tempos pretéritos” (MIGNOT, 2005, p. 37).

A história oral também é fundamental para esta pesquisa, afinal, segundo Delgado (2010), história oral e pesquisa documental caminham juntas e se auxiliam de forma mútua, visto que a história oral “permite recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares” (ALBERTI, 2005, p. 22). Com este norte, Ricardo Rojas, ex-capaz e ex-morador do Quadro Antigo foi o entrevistado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisar este documento, guardado por um “homem comum” permite-nos diferentes leituras. Como sugere Mignot (2003), trata-se de fios que tecem a memória de uma família, de uma instituição, de uma época. Ao folheá-los, damos valor à escrita ordinária de quem utilizou suas folhas, linhas e margens. São folhas de papel – suporte frágil e com grande possibilidade de perda no decorrer do tempo – que suscitam uma investigação sobre a escrita e despertam relações entre memória, escrita, cotidianos, cultura escrita e arquivamento. Ou seja, desse desejo de fixar uma memória, uma trajetória social, garantindo a lembrança.

Uma das questões mais interessante das escritas ordinárias é que, por não terem sido feitas – *a priori* – para vir a público, quando estas são analisadas, podem apresentar significados bastante inesperados. O livro do Cemitério feito pelos Rojas, por exemplo, afirma a existência de Rui Rojas, o papel dos homens da família Rojas no Quadro Antigo e corrobora a dedicação que tiveram com aquele lugar, sendo que, inicialmente, pensava-se tratar apenas de um inventário.

Acredita-se que Rui Rojas teria sido, nos moldes conceituais de Barthes (2007), um escrevente, ou seja, aquele que utiliza a linguagem escrita como um meio para atingir um fim, seja ensinar, explicar e, neste caso, testemunhar. Sendo assim, o livro poderia ser considerado suporte da lembrança de um tempo.

Ao analisar o livro é preciso entendê-lo, como diria Ranun (1991), para além dos códigos e das palavras.

4. CONCLUSÕES

O documento é um livro de atas, de capa dura na cor preta – já bastante mofada-, de abertura vertical, com folhas pautadas e numeradas na parte superior à direita, com 22 cm x 30 cm.

A primeira página preenchida é a de número 01 e a última é a de número 53. Destas, nenhuma foi arrancada. É possível que o tempo – aparentemente longo – em que o documento esteve guardado dentro de uma gaveta, tenha sido responsável pelo seu delicado estado de conservação.

Uma das questões mais interessante das escritas ordinárias é que, por não terem sido feitas – *a priori* – para vir a público, quando estas são analisadas, podem apresentar significados bastante inesperados. O livro do Cemitério feito pelos Rojas, por exemplo, afirma a existência de Rui Rojas, o papel dos homens da família Rojas no Quadro Antigo e corrobora a dedicação que tiveram com aquele lugar, sendo que, inicialmente, pensava-se tratar apenas de um inventário.

O livro não nos fornece detalhes importantes da vida pessoal de seu autor, todavia é intenso naquilo que manifesta: a vontade de organizar um local extremamente importante para ele, parte significativa de sua vida. Salienta-se que, de acordo com Ricardo, Rui foi o único dos filhos que frequentou a escola particular – seus pais pagavam pela educação do irmão no Colégio Gonzaga, pois o consideravam muito inteligente – o que leva a pensar se ele não teria uma visão

diferente do valor e da utilidade do escrito e, também por isso, resolveu escrever o livro.

Em suas páginas, ele não nos apresenta um inventário com a caracterização detalhada de cada túmulo presente no Quadro Antigo. Ele vai muito além. O relato do senhor Ricardo e o folhear das páginas indicam uma memória da família Rojas, grande parte da história do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula e, quiçá, um pouco da história da cidade de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRITO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização: implicações para a Educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de & MELLO, Suely Amaral (org). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

CASTRO GOMES, Ângela de. Escritas de si, escritas da história: a título de prólogo. In: GOMES, A.C. (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artemed, 2001.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – Memória, Tempo, Identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio & CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 40-61, jan./abril, 2006.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Vitrine de Guardados: exposições de escritas ordinárias como estratégia de preservação da memória escolar. **Revista Resgate**, nº 14, p. 35-46, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.